

# ilha de vidro

trilogia os guardiões – livro três

nora roberts

Tradução de Isabel Penteado

*Para os meus netos.  
Eles são a magia e o futuro.*



*Está vivo, está desperto —  
a Morte morreu, não ele.*

— PERCY BYSSHE SHELLEY

*Todos por um; um por todos.*

— ALEXANDRE DUMAS



## Prólogo



**R**euniram-se na alta montanha, muito acima do mundo, sob um céu cravejado de estrelas brilhantes e uma expectante Lua branca.

Juntas, as deusas contemplaram o cristalino mar escuro estendido para lá do castelo que resplandecia na sua montanha.

— Duas estrelas encontradas e a salvo. — Luna ergueu o rosto para o céu em rejúbilo, cheia de gratidão. — O destino escolheu bem os seis. Os guardiões são fortes e leais.

— A sua prova ainda não terminou — recordou-lhe Celene. — E o que terão de enfrentar exige mais do que lealdade.

— Eles lutarão. Não provaram já que são guerreiros, irmã? — perguntou Arianrhod. — Arriscaram as suas vidas. Sangraram.

— E arriscarão ainda mais. Vejo que se avizinham batalhas, derramamento de sangue. Nerezza e o demónio que criou querem mais do que as estrelas, mais do que o sangue dos guardiões. Querem a aniquilação.

— Sempre assim foi — murmurou Luna. — Sempre foi esse o desejo dela.

— Eles enfraqueceram-na. — Arianrhod pousou a mão no punho cravejado de joias da espada ao seu lado. — Quase a destruíram. Sem o humano que ela transformou, teriam conseguido destruí-la.

— Não pensámos nós o mesmo, — lembrou Celene às irmãs, — na

noite do nascimento da rainha? Na noite em que criámos as estrelas? — Estendeu os braços e abaixo, na orla do vasto mar, tremeluziram as imagens do passado. — Uma noite de alegria, — continuou ela, — de esperança e celebração. E nós as três conjurámos três estrelas. Para sabedoria, forjada em fogo.

— Para compaixão, fluida como água — acrescentou Luna.

— Para força, fria como gelo — concluiu Arianrhod.

— Os nossos poderes, e as nossas esperanças, num presente para a nova rainha. Um presente que Nerezza cobijava.

Na praia iluminada pela Lua branca, as três deusas haviam enfrentado a deusa da escuridão. No momento em que enviavam as estrelas para a Lua, Nerezza havia atacado com o seu raio negro para as atingir, para as amaldiçoar.

— E nós amaldiçoámo-la, — prosseguiu Celene, — lançámo-la num abismo. Mas não conseguimos destruí-la. Não era nossa essa missão, essa tarefa, essa guerra.

— Nós protegemos as estrelas — recordou-lhe Luna. — Elas caíram, pois Nerezza havia-as amaldiçoado, mas nós protegemo-las. Fizemos com que caíssem em segredo e permanecessem escondidas...

— Até que os nossos descendentes se reunissem e se unissem na missão para as encontrar e proteger. — A mão de Arianrhod apertou com força o punho da espada. — Para combaterem a escuridão. Para arriscarem tudo para salvar os mundos.

— A sua hora chegou — concordou Celene. — Eles arrancaram a Estrela de Fogo da sua rocha e colheram a Estrela de Água do mar. Mas aguardam-nos as provas finais da missão. Bem como Nerezza e o seu profano exército.

— Independentemente dos seus poderes e dos seus dons, os seis enfrentam uma deusa. — Luna levou uma mão ao peito. — E nós só podemos observar.

— É o seu destino — disse Celene — e no seu destino habita o destino de todos os mundos.

— A sua hora chegou. — Arianrhod segurou nas mãos das irmãs. — E se eles forem fortes e sensatos, se mantiverem a lealdade, pode ser que chegue a nossa também.

— A Lua está cheia e o lobo uiva. — Celene gesticulou em direção ao rasto do cometa que atravessava o céu. — E eles voam.

— E a coragem acompanha-os — disse Arianrhod.

— E ali! — Luna apontou para o vasto mar escuro, onde uma luz surgiu, faiscou e logo se apagou. — Estão em segurança.

— Por agora. — Com um aceno de mão, Celene fez desaparecer as bruxuleantes imagens da praia. — Agora começa o futuro.





## Capítulo Um



Um homem que não podia morrer pouco tinha a temer. Um imortal que havia vivido a maior parte da sua longa vida como soldado, a travar batalhas, não virava costas ao confronto com uma deusa. Um soldado, embora solitário por natureza, entendia o dever e a lealdade para com os que combatiam ao seu lado.

O homem, o soldado, o solitário que havia visto o seu irmão mais novo destruído por magia negra, que havia visto a sua vida virada de pernas para o ar por culpa da mesma e que combatia a louca cobiça de uma deusa, sabia a diferença entre a escuridão e a luz.

Ser propulsionado através do espaço por um soldado amigo, um deslocador, enquanto ainda se encontravam ensanguentados da batalha, não o assustava — mas ele teria preferido qualquer outro meio de transporte.

No meio do redemoinho de vento, da luz ofuscante e da velocidade vertiginosa (e, tudo bem, a velocidade até era um tanto excitante), Doyle sentia os companheiros. O feiticeiro que detinha mais poder do que qualquer outra pessoa que ele havia conhecido em todos os seus anos de vida. A mulher que não só era vidente, como a unificadora do grupo. A sereia que era toda encanto, coragem e coração... e um puro prazer para a vista. O deslocador, leal e corajoso, e também um atirador certo. E a mulher... bem, agora loba, visto que a Lua havia nascido no momento em que se estavam a preparar para abandonar a beleza e as batalhas de Capri.

Ela uivou — não havia outro termo — e naquele som ele não percebeu medo, não, mas a mesma excitação atávica que palpitava no seu sangue.

Para quem havia sido obrigado a integrar um grupo, a compartilhar do seu destino com outros, a situação podia ser bem pior do que aquela.

Então sentiu o cheiro a Irlanda — o ar húmido, o verde — e a excitação desapareceu. O destino, frio e cruel, levava-o de novo para ali, onde o seu coração e a sua vida haviam sido destroçados.

No momento em que se preparava mentalmente para enfrentar essa realidade, para fazer o que devia ser feito, caíram no chão como pedras.

Um homem podia não morrer, mas continuava a sentir o abalo ultrajante de embater no solo com força suficiente para lhe chocalhar os ossos e roubar o fôlego.

— Que diabo, Sawyer!

— Desculpa. — A voz de Sawyer vinha da sua esquerda e soava entrecortada. — Foi um deslocamento muito longo. Alguém ferido? Annika?

— Eu não estou ferida. Mas tu... — A voz de Annika era uma suave melodia. — Estás ferido. Estás fraco.

— Não é assim tão mau. Tu estás a sangrar.

Luminosa como o Sol, ela sorriu. — Não é assim tão mau.

— Da próxima vez, talvez devêssemos experimentar com paraquedas — disse Sasha, soltando um breve gemido.

— Calma, eu estou aqui.

Enquanto os seus olhos se adaptavam, Doyle viu Bran virar-se para abraçar Sasha.

— Estás ferida?

— Não, não. — Sasha abanou a cabeça. — Só alguns arranhões e contusões. E a aterragem deixou-me sem fôlego. Eu já devia estar habituada. A Riley? Onde está a Riley?

Doyle rolou e quando se preparava para se levantar, sentiu pelo debaixo de uma mão. E ouviu rosnar.

— Está aqui — disse ele, dirigindo o olhar para aqueles olhos castanho-dourados. Doutora Riley Gwin, reconhecida arqueóloga e... licantrópa. — Nem penses em morder-me — murmurou ele. — Ela está bem. Como ela própria nos disse, sara rapidamente em forma de lobo.

Doyle levantou-se e reparou que, apesar da violenta aterragem, Sawyer havia conseguido. Estojos com armas, bagagem, caixas seladas com livros de estudo, mapas e outros artigos essenciais formavam uma

pilha mais ou menos ordenada, a poucos metros de distância, sobre a erva húmida.

E, de extrema importância para si, a mota estava em posição vertical e intacta.

Satisfeito, estendeu uma mão a Sawyer e ajudou-o a levantar-se.

— Não foi assim tão mau.

— Pois. — Sawyer passou os dedos pela melena desgrenhada pelo vento e aclarada pelo sol. Depois sorriu ao ver Annika executar uma série de rodas. — Bem, pelo menos alguém gostou da viagem.

— Saíste-te muito bem. — Bran pousou uma mão no ombro de Sawyer. — É uma façanha notável conseguir deslocar seis pessoas, e tudo o resto, através de mar e céu numa questão de... bem, poucos minutos.

— E consegui uma dor de cabeça infernal à conta disso.

— E não só.

Bran levantou a mão com que Sawyer havia agarrado os cabelos esvoaçantes de Nerezza enquanto a levava para longe. — Trataremos disto e de tudo o resto que for preciso tratar. É melhor levarmos a Sasha para dentro. Ela está um pouco abalada.

— Estou bem — disse Sasha, mas permaneceu sentada no chão. — Estou só um bocadinho zozna. Não, por favor — disse ela rapidamente, e ajoelhou-se para se aproximar mais de Riley. — Ainda não. Vamos orientar-nos primeiro. Ela quer correr — disse ela aos restantes.

— Não há problema. Aqui não correrá perigo. — Bran ajudou Sasha a levantar-se. — A floresta é minha — disse ele a Riley. — E agora é tua também.

O lobo virou-se, afastou-se a trote e desapareceu no denso arvoredo.

— Ela pode perder-se — disse Sasha.

— É um lobo — ressaltou Doyle. — E é provável que consiga orientar-se melhor aqui do que qualquer outro de nós. Ela transformou-se quando estávamos de partida, e precisa do seu momento. Em forma de lobo ou de mulher, sabe bem cuidar de si.

Ele virou costas à floresta por onde havia corrido livremente na sua infância, onde havia caçado, onde se havia isolado em busca de solidão. Aquela fora em tempos a sua terra, a sua casa... e agora era de Bran.

Sim, o destino era frio e cruel.

Na casa que Bran havia construído na costa selvagem de Clare, Doyle conseguia visualizar a memória da sua. Onde a sua família tinha vivido durante gerações.

Desaparecidas há séculos, lembrou a si mesmo. A casa e a família, convertidas em pó.

No seu lugar estava algo magnificante, e ele não teria esperado menos de Bran Killian.

Uma bela mansão, refletiu Doyle, com os pormenores requintados que seriam de esperar de um feiticeiro. Três pisos de pedra — quiçá alguma das paredes da sua antiga casa — com o requinte de duas torres cilíndricas nos dois extremos e uma espécie de parapeito central que providenciaria uma vista espetacular sobre as montanhas, o mar e a terra.

Tudo isso suavizado — calculou que seria essa a melhor palavra — por um jardim digno de fadas, onde as plantas brotavam livremente e a mescla de perfumes era transportada pelo vento.

Doyle permitiu-se desfrutar de tudo aquilo por mais um instante, permitiu-se pensar na própria mãe e o quanto ela havia amado aquele lugar.

Depois esqueceu o assunto.

— É uma bela casa.

— É uma bela terra. E, como eu disse à Riley, é tão tua como minha. Bem, é esse o meu sentimento — acrescentou Bran quando Doyle abanou a cabeça. — Viemos juntos — continuou ele enquanto o vento fazia esvoaçar os seus cabelos, negros como a noite, em torno do rosto de traços vincados. — O destino uniu-nos com um propósito. Batalhámos e sangrámos juntos e, sem dúvida, voltaremos a fazê-lo. E aqui estamos nós, no lugar onde nasceste e onde eu me senti compelido a construir. Isso também terá um propósito, e nós vamos aproveitá-lo.

Num gesto de consolo, Annika deslizou a mão pelo braço de Doyle. Os seus longos cabelos pretos eram um emaranhado sensual resultante da viagem. O seu extraordinário rosto estava manchado com hematomas. — Isto é lindo. Consigo cheirar o mar. Consigo ouvi-lo.

— Fica bastante abaixo daqui. — Bran sorriu-lhe. — Mas calculo que terás facilidade em chegar lá. De manhã, verás mais do que isto tem para oferecer. Por agora, é melhor levarmos as nossas coisas para dentro e instalarmo-nos.

— Concordo plenamente. — Sawyer baixou-se e levantou umas caixas. — E, céus, não me importava nada de comer.

— Eu preparo a comida! — Annika abraçou-se a ele, beijou-o entusiasticamente e pegou no seu saco. — Há comida para preparar, Bran? Comida que eu possa fazer enquanto tu tratas das feridas?

— Eu mandei abastecer bem a cozinha. — Estalou os dedos em direção às grandes portas abobadadas. — A casa está destrancada.

— Desde que haja cerveja. — Doyle agarrou em dois estojos com armas, sua prioridade, e seguiu Annika e Sawyer.

— Ele está a sofrer — segredou Sasha a Bran. — Sinto a sua dor, a dor das memórias e da perda.

— E eu lamento que assim seja, a sério. Mas todos sabemos que há um motivo para isto, para ter sido aqui que fomos conduzidos para encontrar a última estrela e acabar com isto.

— Porque há sempre um preço a pagar. — Sasha suspirou, encostou-se a ele e fechou os seus olhos azuis como o céu de verão, ainda encoados devido à batalha e à viagem. — Mas a Annika está certa. É uma casa linda. É impressionante, Bran. Vou querer pintá-la uma dezena de vezes.

— Vais ter tempo para a pintar dezenas de dezenas de vezes. — Virou-a para si. — Eu disse que era tão do Doyle e da Riley como é minha. E é também da Annika e do Sawyer. Mas, *fáidh*, é tua como é teu o meu coração. Aceitas viver comigo aqui, pelo menos algum do tempo na nossa vida conjunta?

— Viverei contigo aqui, e em qualquer outro lugar. Mas agora? É melhor ir ver se é tão maravilhosa por dentro como é por fora.

— Agora que estás aqui, é um verdadeiro lar. — Para a deslumbrar, Bran acenou com uma mão. Todas as janelas se iluminaram. Luzes bruxuleantes cintilaram ao longo dos caminhos do jardim.

— Deixas-me sem fôlego — disse ela num suspiro, e depois agarrou na mala que continha a maior parte do material de pintura, sua prioridade.

Entraram os dois para um amplo *hall* com teto alto e um reluzente pavimento de madeira. Uma mesa robusta com pernas na forma de dragões enrolados sustinha bolas de cristal e uma jarra alta repleta de rosas brancas.

O *hall* abria para uma sala de estar com sofás em cores vivas, mais mesas robustas e candeeiros cintilantes. E, com outro aceno de mão, Bran fez surgir labaredas vermelho-douradas no interior de uma lareira em pedra suficientemente grande para albergar o musculado Doyle, de pé e braços abertos.

O próprio, que chegava das traseiras da casa, ergueu uma sobran-celha e brindou com a cerveja que trazia na mão. — Não te poupaste a luxos, companheiro.

— Suponho que não.

— Vou buscar mais coisas, se fores tratar do Sawyer. Dá para ver que ele está com uma dor de cabeça infernal. E tem também umas queimaduras feias. A Annika também está pior do que quer dar a perceber.

— Vai ajudar o Sawyer e a Annika — disse Sasha. — Eu ajudo o Doyle.

— Ele está na cozinha com a Annika. — Doyle olhou para Sasha. — Eu posso trazer o resto sozinho. Tu também tens as tuas marcas da batalha, louraça.

— Nada de importante. Estou bem — disse ela a Bran. — Desta vez, as tonturas duraram apenas uns minutos e o resto pode esperar. Apetece-me um copo de vinho, se tiveres.

— Claro que tenho. Deixa-me tratar do Sawyer e depois ajudo-vos com o resto.

Sasha saiu com Doyle e começou a agarrar em sacos, mas deteve-se a olhar para a floresta.

— Assim que se cansar, ela volta. — Doyle bebeu um gole de cerveja. — Mas tu ficavas mais descansada se tivesses os pintainhos todos no ninho.

Sasha ergueu os ombros e tornou a baixá-los. — É verdade. Foi... um dia longo.

— A descoberta da segunda estrela devia deixar-te com um sorriso e não com tristeza nos olhos.

— Há um ano, eu ainda negava o que era. Não sabia nada a vosso respeito, nem sobre deuses... fossem eles da escuridão ou da luz. Nunca tinha ferido alguém, muito menos...

— Aquilo que combateste e mataste não era *alguém*. Eram *coisas* criadas por Nerezza para nos destruir.

— Também havia pessoas, Doyle. Seres humanos.

— Mercenários pagos pelo Malmon para nos matar, ou pior. Já te esqueceste do que fizeram ao Sawyer e à Annika naquela gruta?

— Não. — Sasha abraçou-se com força para combater o súbito arrepio. — Nunca esquecerei. E nunca compreenderei como é que seres humanos foram capazes de torturar e de tentar matar por dinheiro. Porque é que estão dispostos a matar e a morrer por dinheiro. Mas ela, sim. Nerezza compreende esse tipo de ganância, esse desejo cego por poder. E eu compreendo que é contra isso que lutamos. O Malmon trocou tudo por isso. Ela tomou a sua alma, a sua humanidade, e agora

ele não passa de uma coisa. A sua criatura. Ela seria capaz de fazer o mesmo a todos nós.

— Mas não fará. Não fará porque nós não lhe daremos nada. Hoje conseguimos atingi-la. Esta noite é ela quem está ferida e a sangrar. Procurei as estrelas e persegui-a mais anos do que possas imaginar. Cheguei perto, ou assim pensava. Mas perto não é nada. — Bebeu outro longo gole de cerveja. — Não gosto de usar a sorte ou o destino como razão ou desculpa, mas a dura realidade é que estamos os seis juntos porque assim estava destinado. É nosso destino encontrar as Estrelas da Fortuna e destruir Nerezza. Tu sentes mais do que outros. É esse o teu dom e a tua maldição; ver e sentir. E, sem esse dom, não estaríamos aqui. Não faz mal nenhum que saibas disparar uma besta como se tivesses nascido com o arco numa mão e a flecha na outra.

— Quem poderia imaginar? — Sasha suspirou. Uma mulher bonita, de longos cabelos aclarados pelo sol e intensos olhos azuis. Uma mulher que havia ganhado músculo e força, por dentro e por fora, nas últimas semanas. — Sinto o teu sofrimento. Lamento.

— Eu aguento.

— Eu sei que era teu destino estares aqui, percorreres de novo esta terra, contemples este mar. E não só por causa da busca pelas estrelas, não só para combater Nerezza. Talvez... não estou segura... mas talvez seja para encontrares consolo.

Doyle fechou-se; era o seu instinto de sobrevivência. — O que havia aqui para mim foi-se há muito tempo.

— Ainda assim, — murmurou ela, — vir para cá esta noite foi mais duro para ti, e chegar aqui foi mais difícil para a Riley.

— Considerando que tínhamos acabado de lutar contra uma deusa e os seus lacaios assassinos, não foi pera doce para nenhum de nós. Está bem, — disse ele ao ver o olhar silencioso de Sasha, — foi difícil para a Riley. — Enfiou a garrafa de cerveja vazia no bolso do blusão de cabedal puído e agarrou em malas de viagem. — Ela vai correr até descarregar a tensão e amanhã estará de volta. Agarra no que puderes, que eu levo o resto. Ambos sabemos que poderias ajudar mais o Bran com os ferimentos.

Sasha não discutiu, e ele reparou que ela coxeava um pouco. Para resolver o assunto, Doyle pousou as malas dentro de casa e agarrou-a ao colo.

— Eh!



— É mais fácil do que discutir. A casa é suficientemente grande para vocês?

Atravessaram amplas passagens abobadadas e os espaços que as ligavam. Cores ricas e intensas, fogos bruxuleantes em lareiras, luzes cintilantes, madeira reluzente.

— É magnífica. É enorme.

— Eu diria que vocês os dois terão de fazer muitos bebês para a encherem.

— Eu...

— Isso deixou-te a pensar.

Sasha ainda não tinha recuperado a fala quando Doyle a levou para dentro da cozinha. Sawyer, que parecia um pouco menos pálido, estava sentado num banco junto a um longo balcão cinzento-escuro enquanto Bran lhe tratava as queimaduras das mãos.

Annika, que apesar dos cortes e dos hematomas conseguia estar maravilhosa, estava compenetrada a saltar frango numa enorme frigideira sobre um fogão profissional com seis bicos.

— Bem, agora tens de... — Sawyer calou-se de repente e soltou um silvo quando Bran atingiu um novo ponto de dor.

— Agora tiro o frango e ponho os vegetais. Eu consigo fazer isto — insistiu Annika. — Deixa o Bran trabalhar.

— Eu ajudo. — Sasha deu uma pancada no ombro de Doyle. — Põe-me no chão.

A ordem fez Bran virar-se e aproximar-se rapidamente dela. — O que foi? Onde é que ela está magoada?

— Não estou...

— Ela está a coxear um bocado. Perna direita.

— É só...

— Pousa-a aqui, ao lado do Sawyer.

— Está só magoada. Acaba de tratar do Sawyer. Eu ajudo a Annika e...

— Eu consigo fazer isto! — Nitidamente frustrada, Annika deitou o frango para dentro de uma travessa. — Eu gosto de aprender. Aprendi. Cozinho o frango no alho e no azeite, com as ervas. Cozinho os vegetais. Faço o arroz.

— Estás a enfurecer a sereia — disse Doyle, e largou Sasha em cima de um banco. — Cheira bem, beleza.

— Obrigada. Sasha, tu podias tratar das feridas do Bran enquanto ele

trata das tuas e das do Sawyer. Depois ele pode tratar das minhas. E podemos comer porque o Sawyer precisa de comer. Ele está ferido e fraco da...

Os seus olhos encheram-se de lágrimas, como duas reluzentes poças verdes, antes de ela se virar rapidamente para o fogão.

— Anni, não chores. Eu estou bem.

Quando ela se limitou a abanar a cabeça em resposta, Sawyer começou a levantar-se. Doyle empurrou-o simplesmente de volta para o banco.

— Eu resolvo isto.

Doyle atravessou o rústico pavimento de madeira e deu um puxão nos cabelos soltos de Annika.

Ela virou-se e abraçou-se a ele. — Eu acreditei. Eu acreditei, mas tive tanto medo. Tive muito medo que ela o levasse.

— Mas não levou. O atirador certo é mais esperto do que isso. Ele levou-a a dar uma volta e agora estamos todos aqui.

— Eu sinto tanto amor. — Agora a suspirar, Annika encostou a cabeça no peito de Doyle e olhou Sawyer nos olhos. — Sinto tanto amor.

— Por isso estamos aqui — disse Sawyer. — Eu também acredito nisso.

— Ele vai precisar de algum tempo para sarar — disse Bran. — Vai precisar de comer e de dormir.

— E de uma cerveja — acrescentou Sawyer.

— Isso nem é preciso dizer. E agora tu. — Bran virou-se para Sasha.

— Não estou a ver o copo de vinho.

— Eu trato disso. — Doyle deu um beijo na testa de Annika e virou-a para o fogão. — Cozinha.

— Sim. E vai ficar muito bem.

Enquanto Doyle servia o vinho, Bran arregaçou a perna das calças de Sasha e proferiu uma série de imprecações ao ver os rasgões que as garras lhe haviam deixado na barriga da perna. — Só alguns arranhões e hematomas, não era?

— Eu não me tinha apercebido, a sério. — Sasha aceitou o vinho que Doyle lhe oferecia e bebeu um gole rápido. — E agora que me apercebo, dói-me muito mais.

Bran agarrou no copo dela e acrescentou umas gotas de um dos frascos que tinha no estojó de medicamentos.

— Bebe devagar e respira lentamente — disse-lhe Bran. — A limpeza do ferimento vai arder.

Sasha bebeu devagar, respirou lentamente e quando sentiu o ardor,

semelhante à picada de uma dezena de vespas furiosas, agarrou na mão de Doyle.

— Desculpa. *A ghrá*. Só mais um minuto. Está infetada.

— Ela está bem. Tu estás bem. — Doyle atraiu o olhar dela enquanto Sawyer lhe fazia festas nas costas. — Tens aqui uma cozinha e tanto, louraça. Alguém capaz de cozinhar como tu deve estar a dar saltos de contente.

— Sim. Gosto muito... oh, céus, bem... Gosto dos armários. Não só por haver quilómetros deles, mas também por terem portas envidraçadas. E as janelas. A luz aqui deve ser maravilhosa.

— Ela precisa de beber mais — disse Bran por entre dentes cerrados. — Sawyer.

— Bebe tudo. — Sawyer levou-lhe o copo aos lábios. — Vamos fazer um concurso de culinária, tu e eu... e a Anni — acrescentou ele.

— Desafio aceite — disse Sasha, soltando em seguida um longo e trémulo suspiro. — Graças a Deus — disse ela quando Bran untou a ferida com um unguento fresco e calmante.

— Aguentaste-te bem. — Doyle deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— É a tua vez — disse Sasha a Bran.

— Descansa um minuto... e dá-me um a mim também. — Bran sentou-se ao lado dela. — Depois tratamos um do outro. Quando terminarmos, e enquanto comemos, calculo que o Sawyer tenha uma história para contar.

— Acredita — respondeu Sawyer. — É das boas.

A cozinha tinha uma mesa longa, com bancos de um lado e cadeiras do outro, junto a uma ampla janela curva. Sentaram-se todos juntos, com a comida de Annika, um pão integral, manteiga fresca, cerveja e vinho. E a história de Sawyer.

— Quando eu subi... a propósito, foi um impulso do caraças, — disse Sawyer a Bran, — Nerezza estava a tentar controlar o cão de três cabeças em que estava montada.

— O que tu atingiste nas três cabeças — salientou Sasha.

— Três em três. — Sawyer imitou uma pistola com os dedos e disse: — Pum! E ela estava concentrada no Bran.

— Se acabasse com o nosso feiticeiro, acabava com a nossa magia. — Doyle serviu-se de frango. — Não está bom, Annika.

— Oh!

— Está mais do que bom.

Annika riu-se e balançou-se alegremente no banco onde estava sentada enquanto Doyle se servia de mais. Depois encostou a cabeça no ombro de Sawyer. — Foste tão corajoso.

— Nem pensei no que estava a fazer; é esse o truque. Ela estava atenta a todos vocês e a tentar dominar a besta. Não me viu chegar. — Sawyer baixou os olhos e fletiu a mão que estava já praticamente sarada. — Agarrei a cabra pelos cabelos, estavam a esvoaçar e mesmo ali à mão. Foi aí que ela deu por mim e apanhou um susto valente. Eu apercebi-me disso, e temos de ter isso em consideração. Apanhei-a de surpresa e vi o medo dela. Não durou muito, mas estava lá.

— Já a tínhamos deixado maltratada em Corfu. — Bran anuiu com a cabeça, olhos escuros intensos. — Obrigámo-la a bater em retirada, apanhámos a Estrela de Fogo e demos-lhe uma sova. Era natural que sentisse medo.

— Desta vez ela tinha armadura, e não é nenhuma idiota. E tem uma potência dos diabos. Tu tens os teus raios — disse ele a Bran — e ela tem os dela. — Sawyer esfregou o peito ao reviver o impacto abrasador. — Eu não tive outro remédio senão aguentar. Ela pensava que me tinha na mão, e devo dizer que, por um momento, eu pensei o mesmo. Mas isso não iria acontecer onde estávamos, porque eu já tinha iniciado o deslocamento. Eu passei-me, estava desenfreado, mas era o meu território, certo? O deslocamento é a minha especialidade. Sei como lidar com a violência do processo, e ela não sabia. Ela começou a transformar-se.

— A transformar-se? — perguntou Sasha.

— Eu estava a agarrar-lhe os cabelos, certo? Aquela esvoaçante cabeleira negra. E, durante o deslocamento, a cor começou a desvanecer-se. E a cara dela parecia a do Dorian Gray.

— Ela envelheceu — disse Sasha.

Sawyer anuiu com a cabeça. — Muitos anos. Por instantes, pensei que fosse imaginação minha, e o facto de o vento e as luzes me estarem a queimar os olhos, mas a cara dela começou a perder firmeza e ela começou a envelhecer ali à minha frente. À medida que envelhecia, os seus raios começaram a perder potência e mal me faziam cócegas. Ela estava a enfraquecer e eu larguei-a. Ela quase me arrastou; ainda tinha forças para isso. Mas eu consegui libertar-me e ela caiu. Não sei onde, mas caiu. Não consegui perceber, porque estava a ficar sem energia e precisava mesmo de regressar. — Virou a cabeça e beijou Annika. — Precisava mesmo de regressar.

Sasha agarrou-lhe no braço. — Achas que a queda pode ter acabado com ela?

— Não sei, mas magoei-a certamente e aquela queda vai deixar marca.

— Segundo reza a lenda, será uma espada a acabar com ela. — Porém, Bran encolheu os ombros. — Mas, como se sabe, há lendas que estão erradas. Seja como for, apesar dos arranhões e das contusões... — calou-se para olhar para Sasha, — deixámo-la bem pior do que ela a nós. Se tiver sobrevivido, demorará tempo a recuperar, o que é vantajoso para nós.

— Sabemos que ela sente medo — disse Doyle — e o medo que sente é mais uma arma contra ela. Apesar de tudo isso, isto só acaba quando conseguirmos a última estrela.

— Então vamos procurá-la e encontrá-la. — Bran recostou-se, sentindo-se confiante, em casa. — Pois foi para cá que a busca nos conduziu.

— Acredito que a encontraremos... a Estrela de Gelo — disse Annika. — Encontrámos as outras. Mas agora que estamos tão perto, não percebo o que faremos quando as tivermos.

— Iremos para onde nos levarem. — Bran olhou para Sasha, que de imediato se serviu de mais vinho.

— Mas sem pressões — murmurou ela.

— Fé — corrigiu Bran. — É tudo uma questão de fé. Mas, esta noite, estamos aqui todos reunidos, estamos a salvo e acabámos de desfrutar de uma bela refeição.

Satisfeita, Annika sorriu. — Fiz suficiente comida para a Riley, caso ela esteja demasiado esfomeada para esperar pelo pequeno-almoço. Quem me dera que ela voltasse.

— Voltará, não tarda muito.

— Consigo senti-la — afirmou Sasha. — Agora consigo senti-la. Ela não está longe, mas ainda não está pronta para regressar. Mas não está longe.

— Então estamos todos a salvo, como eu disse. E embora o Sawyer pareça estar melhor, agora precisa de descansar. Vou mostrar-vos os quartos para poderem escolher o que mais vos convier.

Para Doyle, era indiferente o lugar onde dormia, por isso escolheu um quarto ao acaso, com vista para o mar e não para a floresta. A cama podia

ser digna de um rei, com os seus altos e torneados postes, mas ele não estava preparado para a usar.

Abriu as portas que davam acesso ao amplo terraço de pedra que abarcava a fachada virada para o mar e deixou o ar húmido invadir o quarto e o estrondo das ondas abafar os seus pensamentos.

Ansioso, prevendo as memórias que poderiam voltar a inundar-lhe os sonhos, colocou a espada às costas e embrenhou-se na noite.

Por muito seguros que estivessem — e ele acreditava que o estavam naquele momento —, não era prudente absterem-se de patrulhar, ignorarem a necessidade de vigilância.

Bran havia construído a sua casa no exato local onde se situara a de Doyle — embora a de Bran fosse, seguramente, cinco vezes maior. Doyle não podia ignorar o facto, não podia fingir que não existiam motivos para tal.

A casa erguia-se no penhasco, com um irregular muro de pedras sobrepostas na sua orla. Doyle reparou que também havia um jardim, e os aromas a rosmaninho, alfazema e salva elevavam-se no ar junto à parede da cozinha.

Doyle avançou em direção à beira do penhasco, deixando o vento revolver-lhe os cabelos e refrescar-lhe o rosto, enquanto os seus olhos, intensos e verdes, perscrutavam o mar agitado, o céu enevoado, a branca lua cheia que se movia por detrás das esparsas nuvens cinzentas.

Nada chegaria naquela noite, do mar ou do céu, pensou ele. Mas se as visões de Sasha estivessem corretas, e até àquele momento haviam estado, encontrariam a última estrela ali, na terra dos seus antepassados. Encontrá-la-iam e encontrariam uma forma de acabar com Nerezza.

A sua demanda, de séculos, chegaria ao fim.

E depois?

E depois?, pensou Doyle novamente, enquanto o soldado que existia dentro de si começava a patrulhar.

Ingressaria noutra exército? Travaria outra guerra? Não, bastava de guerras, refletiu ele enquanto caminhava. Estava saturado de sangue e morte. Por muito cansado que estivesse, ao fim de três séculos de vida, estava ainda mais cansado de presenciar a morte.

Podia fazer o que quisesse... se fizesse alguma ideia do que queria. Procuraria um lugar para assentar durante uns tempos? Construiria o seu próprio? Tinha dinheiro de parte para o efeito. Um homem que havia

vivido tanto tempo como ele não podia carecer de dinheiro, se tivesse cérebro na cabeça.

Mas assentar? Para quê? Andava dum lado para o outro há tanto tempo, que mal conseguia conceber a ideia de se fixar nalgum lugar. Talvez viajasse, embora Deus soubesse que já tido mais do que o seu quinhão de viagens.

E porquê pensar nisso agora? O seu dever, a sua missão, a sua demanda não estava concluída. O melhor era pensar no passo seguinte e esquecer o resto.

Chegou à parte da frente da casa e levantou os olhos. Podia visualizar a casa robusta que os seus antepassados haviam construído. Via que Bran a tinha aproveitado, e respeitado quando a ampliara para a tornar sua.

Por um momento, ouviu as vozes há muito caladas. A mãe, o pai, as irmãs, os irmãos. Havia trabalhado aquela terra, construído as suas vidas, entregado os seus corações.

Havia envelhecido, adoecido, morrido. E ele era tudo o que restava. Isso, somente isso, era extremamente penoso.

— Droga — murmurou ele, e virou costas.

O lobo observava-o, olhos brilhando sob a filtrada luz da Lua.

Riley mantinha-se imóvel na orla da floresta — bela e feroz.

Doyle baixou a mão que havia instintivamente agarrado na espada que levava presa às costas. E ficou a observar o seu observador, enquanto o vento lhe agitava o casaco.

— Então estás de volta. Deixaste a Sasha e a Annika preocupadas. Entendes-me perfeitamente bem — acrescentou ele quando o lobo se manteve imóvel. — Se queres saber, o Sawyer está a sarar e a descansar. A Sasha ficou ferida com maior gravidade do que supúnhamos. Ah, isso captou a tua atenção — disse ele, quando o lobo avançou em passo rápido. — Ela também está a descansar, e o Bran tratou deles. Ela está bem — acrescentou ele. — Um dos filhos da puta rasgou-lhe a perna, e o ferimento infetou antes de Bran o observar. Mas agora ela está bem.

Doyle viu o lobo levantar a cabeça e perscrutar a casa com os seus astutos olhos castanho-dourados. — A casa tem muitos quartos e camas suficientes para o dobro de nós. Calculo que queiras entrar para veres com os teus próprios olhos.

O lobo limitou-se a encaminhar-se para a grande porta da frente e a esperar.

— Muito bem. — Doyle avançou a passos largos e abriu a porta.

No interior, as coisas de Riley encontravam-se ordenadas numa pilha.

— Não as levámos para cima porque ninguém quis escolher por ti. Tens muito por onde escolher.

O lobo avançou — parando para contemplar a sala de estar e o fogo brando na lareira — e depois dirigiu-se para as escadas e olhou para trás.

— E agora deves querer que eu leve a droga das tuas coisas para cima, certo?

O lobo manteve os olhos fixos em Doyle, sem pestanejar.

— Agora sou um carregador! — resmungou ele, e pegou no saco dela. — Amanhã vens buscar o resto. — Começou a subir os degraus e o lobo acompanhou-o. — O Bran e a Sasha estão no fim daquele corredor, na torre cilíndrica. O Sawyer e a Annika, naquela primeira porta, com vista para o mar. — Apontou para o outro lado do patamar. — Eu estou neste, também com vista para o mar.

O lobo avançou em direção ao quarto de Doyle, parou à porta e avançou mais duas portas antes de voltar para trás e entrar num quarto com vista para a floresta, com uma cama de dossel aberto, uma longa escrivaninha e uma lareira emoldurada em malaquite.

Doyle largou o saco dela no chão e preparou-se para sair.

Mas ela aproximou-se da lareira, olhou para ele e voltou a olhar para a lareira.

— O quê? Agora tenho de te acender a lareira? Césu!

Sem parar de resmungar, foi buscar blocos de trufa a um balde de cobre e colocou-os sobre a grelha como havia feito enquanto menino.

Foi bastante simples, demorou apenas alguns instantes, e se o odor lhe provocou um aperto no coração, ele ignorou-o.

— Bem, se não deseja mais nada...

Ela aproximou-se de uma porta que dava acesso a uma pequena varanda.

— Queres sair outra vez? Por amor de Deus! Isso não tem escadas. — Doyle aproximou-se e abriu-a. — Por isso, se quiseres descer, vais ter de saltar.

Mas ela limitou-se a cheirar o ar, voltou a entrar e sentou-se junto ao fogo.

— Então, queres as portas abertas. — Como havia feito o mesmo no seu quarto, não podia censurá-la. — Se quiseres mais alguma coisa, terás



de esperar que amanheça para tratares tu do assunto. — Virou-se para sair, mas parou. — Se quiseres comer alguma coisa de manhã, a Annika fez comida a contar contigo.

Um tanto inseguro, Doyle deixou a porta aberta e encaminhou-se para o seu quarto. Quando chegou à sua porta, ouviu a do quarto dela fechar-se.

Então, se é que servia de consolo, Sasha já tinha os pintainhos todos no ninho.